

Os bancos, contra os

Mas alguns analistas, citados pelo *New York Times*, prevêem que os bancos

Já é hora de

JORNAL DA TARDE

MUNDO

planos de Reagan?

poderão ser forçados a aceitar o plano de ajuda aos países devedores.

Os banqueiros norte-americanos provavelmente irão opor-se ao plano da equipe econômica do governo Reagan para resolver a crise de endividamento internacional, segundo revela o articulista Eric N. Berg, do *New York Times*. Ele afirma que, mesmo assim, alguns analistas acham que os bancos poderão ser forçados a aceitar o plano.

Peter T. Kilborn, também do *NYT*, comenta que, ao propor sua nova abordagem aos empréstimos aos países em desenvolvimento, na semana que vem em Seul, o governo Reagan deverá incentivar uma estratégia que aumente consideravelmente o papel do Banco Mundial, modificando sua ênfase de financiamentos mais generalizados.

Bankeiros e funcionários — acrescenta — também dizem que o secretário do Tesouro, James A. Baker III, é favorável ao relaxamento de algumas restrições aos empréstimos do Banco Mundial e ao aumento generalizado no fluxo de crédito aos países em desenvolvimento, parcialmente para encorajar os bancos privados a colaborar mais com o Bird na concessão de financiamentos.

O plano do governo norte-americano deverá ser anunciado por Baker ao discursar terça-feira na reunião anual do Fundo Monetário Internacional-Banco Mundial. Mas recentes comentários de funcionários do governo Reagan e de banqueiros fornecem uma imagem clara do que se pretende, afirma Berg, que prossegue.

Em primeiro lugar, o governo quer que os bancos emprestem mais dinheiro novo aos países do Terceiro Mundo, ao invés de apenas rolar os atuais empréstimos. Em segundo lugar, a administração quer um relaxamento dos programas de austeridade impostos pelo FMI, acreditando que a promoção do crescimento econômico ajudaria mais do que um aperto dos cintos para fortalecer as moedas dos países endividados. E, em terceiro lugar, a administração quer aumentar o envolvimento das agências internacionais de desenvolvimento, como o FMI.

Os banqueiros concordam em que os atuais esforços para lidar com a crise da dívida são apenas medidas temporárias e que mudanças são necessárias para se encontrar uma solução a longo prazo. Eles dizem que qualquer solução permanente requer um maior envolvimento externo, tal como a administração está agora propondo.

Mas mesmo com uma maior participação externa, dizem eles, continua sendo duvidoso que os bancos concordem com o primeiro item — o fornecimento de grandes volumes de novos créditos — pelo menos no futuro próximo.

"Os bancos multinacionais não irão continuar fazendo grandes empréstimos", disse Wung, vice-presidente executivo do The Bank of America.

John H. Treanor, vice-presidente da The Irving Trust Co., disse: "Se quiserem que novos capitais adicionais fluam para estes países, eles terão de vir de um conjunto mais diversificado de fontes".

Os banqueiros também não

gostam do segundo ponto: a ideia de relaxar as imposições de austeridade do FMI. Por mais dolorosas que sejam, dizem eles, os programas são necessários para restaurar a confiança da comunidade internacional financeira em relação aos países endividados e com problemas. A abolição dos programas, acrescentam, serviria apenas para exacerbar ainda mais os problemas econômicos que enfraqueceram as moedas dos países devedores e tornar mais difícil para eles o pagamento das dívidas expressas em dólares.

Esses programas, disse o chefe de empréstimos internacionais de um dos principais bancos norteamericanos, são, na verdade, "dietas bastante rígidas com a finalidade de deixar o paciente mais saudável".

Alguns bancos regionais menores também expressaram reservas a respeito do plano que está para ser anunciado. Nos dois últimos anos, muitos deles foram forçados a estornar empréstimos internacionais concedidos como parte de empréstimos sindicalizados mais amplos organizados por bancos do centro monetário em Nova York, Chicago e San Francisco. Os banqueiros regionais se tornaram extremamente céticos em relação aos empréstimos concedidos ao Exterior.

"Do nosso ponto de vista, a verdadeira solução para este problema da dívida internacional seria se estes países implementassem programas com a finalidade de encorajar um verdadeiro investimento de participação de lucros", disse John Bunten, vice-presidente do Republic Bank em Dallas.

Analistas da Wall Street dizem que um dos motivos pelos quais os funcionários encarregados dos empréstimos para o Exterior poderão mostrar-se relutantes em apoiar o programa do governo é que eles estão sob intensas pressões de suas próprias administrações para não cometer erros e enganos. E a administração dos bancos, por sua vez, está sendo pressionada pelos acionistas, que presenciaram a queda do valor de suas ações em razão dos prejuízos causados pelos empréstimos ao Exterior.

Analistas dizem que a realidade prática é que os bancos não podem emprestar mais para o Terceiro Mundo sem que exista uma garantia razoável de que tais empréstimos irão resultar em lucros maiores.

Mas, ao mesmo tempo que os banqueiros poderão não querer emprestar mais dinheiro aos países que estão passando por problemas, o governo norte-americano poderá ser capaz de forçar os bancos a fazer isso, dizem os analistas, em contrapartida à ação de parte das barreiras existentes às atividades bancárias interestaduais. Para o comentarista Rafael Noboa, da AFP, os Estados Unidos não parecem em via de fazer concessões significativas aos países devedores e aos banqueiros. Ele afirma que o elemento-chave do plano a ser anunciado em Seul seria que o papel de gendarme, que o FMI desempenhou até agora em relação à economia dos países devedores, ficará repartido entre outros organismos multilaterais de crédito e o próprio governo norte-americano.

First National Bank comprou o Denasa

O First National Bank, de Chicago, anunciou ontem nos EUA a compra do Banco Denasa de Desenvolvimento, instituição brasileira vem enfrentando dificuldades financeiras. O First já tinha participação acionária no Denasa e há tempos se interessava no negócio.

Segundo a direção do banco em Chicago, a Reserva Federal dos EUA e o Banco Central do Brasil já aprovaram a compra. Só no primeiro trimestre deste ano, o First tinha sofrido prejuízos de US\$ 15,3 milhões com o Denasa (o capital do Denasa é de US\$ 140 milhões), que agora passa a ser todo do First.